

Continuidade de referência: Nomes, pronomes e anáfora zero em gêneros da fala e da escrita

Vera Lúcia Paredes Silva*

Resumo – Este artigo examina e compara a manutenção de um referente no discurso, na função de sujeito, na sua expressão através de nome, pronome ou anáfora zero, em gêneros discursivos da fala e da escrita. A partir da discussão de resultados de análises variacionistas, realizadas em diferentes *corpora* (entrevistas sociolingüísticas, cartas pessoais e vários gêneros jornalísticos), comprova-se a exigência de incorporar-se a distinção dos gêneros de discurso e tipos de texto em estudos comparativos de fala e escrita.

Palavras chave – Continuidade. Gêneros discursivos. Fala. Escrita.

1. Introdução

Os estudos comparativos da fala e da escrita evoluíram de um tempo em que as duas modalidades eram colocadas em pólos opostos, através de dicotomias que valorizam as diferenças entre elas (cf. BERNSTEIN, 1971; OCHS, 1979) para o tratamento como um *continuum* (cf. CHAFE, 1982, 1985; TANNEN 1982,1985; BIBER, 1988). Passa-se a reconhecer, nessa discussão, a necessidade de também levar em conta distinções de gêneros e de estilo. Apesar disso, via de regra, os trabalhos dedicados à comparação entre as duas modalidades acabam por se ater aos extremos desse *continuum*, ou seja, opõem a fala informal ou semi-informal, geralmente representada pela conversa, à escrita formal, acadêmica.

Neste trabalho tenta-se escapar dessa armadilha. Para comparação de fala e escrita, apresentam-se resultados de pesquisas variacionistas realizadas em momentos diferentes, em diversos *corpora*. Assim, serão ex-

* Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),Brasil. Pesquisadora do CNPq, Brasil. E-mail: veraparedes@terra.com.br

postos resultados obtidos através da análise de diferentes gêneros de discurso, no sentido de mostrar que, mais do que opor fala/escrita, precisamos entender as diferentes situações comunicativas que acompanham as escolhas lingüísticas, o que caracteriza os “tipos relativamente estáveis de enunciados”, como Bakhtin (1986) define os *gêneros de discurso*.

2. Objeto de análise

O objeto da comparação é a expressão de um referente no discurso, mais especificamente sua manutenção ou retomada. Neste artigo, limita-se sua ocorrência à função de sujeito, embora alguns dos estudos aqui reunidos tenham compreendido também outras funções sintáticas. Costuma-se estabelecer que uma informação (um conceito, uma entidade, um referente), uma vez previamente introduzida no discurso, pode ser retomada por pronome, pela anáfora zero (ou seja, omitida) ou até referida através do mesmo ou de outro nome. Apresentada dessa maneira, simplista, a questão faz pensar em entidades discretas existentes no mundo (exterior ou interior do falante), passíveis de receber designações ou rótulos distintos, funcionando como verdadeiras etiquetas.

Nesse sentido, de acordo com as expectativas da gramática, haveria uma ordem de precedência nome-pronome-zero. O nome, servindo à designação, seria o encarregado de introduzir a entidade no discurso. O pronome e sua concorrente, a anáfora zero, seriam as escolhas preferenciais para retomada de entidades já mencionadas. Lembremos que para a Gramática Tradicional, o pronome, enquanto “substituto do nome” serve para “representar, quando na 3ª pessoa, uma forma nominal anteriormente expressa” (CUNHA, 1970, p. 200)

Esta perspectiva, porém, traduz uma visão tradicional de referência. Na lingüística textual contemporânea, a questão é colocada de outro modo: não se trata da representação de entidades do mundo na língua, mas do processo de constituição de entidades no discurso. Desse modo, a questão da alternância nome-pronome-zero ganha outra dimensão, que não a estritamente gramatical.

Ao invés de considerar a segunda menção de um referente como uma simples retomada, passa-se a vê-la como parte de um processo através do qual está-se construindo uma entidade no discurso. É a opção por usar

um nome ou um pronome, ou ainda, por usar o mesmo nome ou outro sinônimo ou equivalente deixa de ser uma questão de estilo para se tornar parte do processo de construção do sentido do texto.

No português, esse tema tem sido objeto da investigação de vários autores, destacando-se KOCH (1997, 2001) e MARCUSCHI (2000, 2001), para citar apenas alguns trabalhos. Embora concordando com a perspectiva da lingüística textual, no sentido de que o referente se modifica ao longo da construção do texto, no presente estudo, em virtude do tratamento quantitativo aplicado aos dados, assume-se a relativa equivalência entre as menções (mas veja-se adiante): aplicam-se nesta análise os princípios da Teoria da Variação e Mudança Lingüística de Labov.

Assim, considera-se a existência de uma variável com três variantes: SN, pronome e zero. Note-se que só estão incluídos na análise elementos de referência específica, isto é, definidos e determinados - entidades identificáveis. Em termos de contexto verbal, a análise restringe-se a sujeitos de formas verbais finitas.

Além disso, só têm lugar neste estudo elementos com continuidade referencial no discurso, isto é, mencionados duas ou mais vezes. Isso exclui os SNs que retomam parte do texto, chamados “de referência estendida” (cf. PAREDES SILVA, 1985; OLIVEIRA, 2005) e as chamadas anáforas associativas ou anáforas indiretas, isto é, sem antecedente. (cf. MARCUSCHI, 2000; ZAMPONI, 2003).

Todos os dados foram submetidos à análise estatística pelo programa VARBRUL, o que significa dizer que essa variável foi estudada buscando-se a correlação entre a escolha de uma variante e fatores de ordem semântica, sintática e discursiva, embora neste capítulo destaquemos comparações de caráter mais geral, visando à discussão de semelhanças e diferenças entre fala e escrita.

Neste trabalho, a língua falada está representada por entrevistas sociolingüísticas do Projeto PEUL/UFRJ, realizadas em dois momentos diferentes (na década de 80 e cerca de 20 anos depois) na mesma comunidade, visando a um estudo de mudança em tempo real de curta duração¹. Em se tratando de entrevistas sociolingüísticas, realiza-se um tipo de interação assimétrica, em que o informante é estimulado a falar e a participação do entrevistador é, intencionalmente, bastante limitada. Trata-se, assim, de um gênero bem diferente da conversa espontânea.

A língua escrita informal, por sua vez, está representada por um conjunto de cartas pessoais de cariocas escritas no começo dos anos 80 e estudadas em PAREDES SILVA (1988). Já a língua escrita semi-formal foi extraída de textos da mídia impressa - mais especificamente, pertencentes aos gêneros “notícia”, “crônica” e “artigo de opinião” - veiculados em jornais cariocas de grande circulação, como O Globo, O Dia, Extra, Jornal do Brasil nos últimos três anos, material que também pertence ao acervo do projeto PEUL/UFRJ.

3. A questão dos gêneros e tipos de texto

Essa é uma questão que por si só demandaria um capítulo. Apesar de não ser esse o alvo central desta exposição, é necessário apresentar algumas noções básicas, pois se entende que qualquer comparação entre fala e escrita passa necessariamente pela questão dos gêneros.

Na tentativa de estabelecer critérios para uma classificação de gêneros de discurso, em PAREDES SILVA, 1997, propõe-se um tratamento da questão em diferentes níveis, contemplando aspectos formais e funcionais. Retomando as idéias ali expostas e revendo a questão terminológica, reserva-se aqui a expressão *tipos de texto* ao nível relativo às estruturas discursivas, aos modos de condução do discurso, às rotinas retóricas, formas convencionais que o falante tem a sua disposição na língua quando quer organizar o discurso. Os *tipos de texto* podem ser identificados por marcas formais, por propriedades lingüísticas características, como, por exemplo, as marcas de tempo, aspecto e modo do verbo; a natureza semântica do verbo; a preferência pela 1ª, 2ª ou 3ª pessoa; a unidade semântica focalizada (entidades, eventos, proposições, etc). Esses *tipos* constituem um conjunto limitado de possibilidades: dependendo do autor, no máximo uns seis ou sete (narrativo, descritivo, dissertativo, argumentativo, injuntivo, expressivo, explicativo) Esse é também o ponto de vista de ADAM (1993) e MARCUSCHI (2002), entre outros.

Num outro plano, o do uso, os *tipos de texto* se atualizam em unidades bem definidas, utilizadas em situações comunicativas específicas: esses são os *gêneros de discurso*. Segundo BAKHTIN (1986), são tipos relativamente estáveis de enunciados. Os *gêneros* dizem respeito a atividades, são formas convencionais de organização do discurso conforme a situação

comunicativa. Desse modo, apresentam grande diversidade e estão sujeitos a influências sócio-históricas. Assim, textos do *tipo narrativo* se atualizam prototipicamente no gênero *estória*, por exemplo.

A isso se acrescenta a questão da mescla de *tipos* em *gêneros*. Em outras palavras, não há gênero puro: os casos prototípicos são raros. O que prevalece é a mescla, é a coexistência de tipos em um gênero, de tal forma que o que acaba por definir a predominância é o propósito comunicativo. (cf. SWALES, 1990)

4. Gêneros analisados

No que diz respeito à língua escrita, parte deste trabalho envolve a chamada escrita jornalística. Essa expressão, no entanto, não remete a um gênero ou a um tipo de texto, mas a um campo de atividades - um *domínio discursivo* (cf. MARCUSCHI, 2002) - que utiliza o jornal como suporte e que é capaz de dar origem a vários *gêneros*: o *editorial*, a *crônica*, o *artigo de opinião*, a *carta de leitores*, o *horóscopo*, a *coluna social*, as *notícias* etc. Cada gênero desses, por sua vez, abriga uma diversidade de tipos de texto. Como esta pesquisa investigou a expressão variável do sujeito de terceira pessoa em três gêneros jornalísticos (a *crônica*, o *artigo de opinião* e as *notícias*), cabe fazer uma breve introdução sobre o material selecionado.

A *crônica* moderna está bem longe da sua origem e etimologia. É um texto leve, em que se pode tratar dos mais variados assuntos, consolidando-se no Brasil como gênero literário na década de 60 do século passado, pelas mãos de autores como Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino. Trata-se de um texto rápido, para consumo. É geralmente escrita em 1ª pessoa e procura representar um momento de descontração do leitor, em meio à densidade do noticiário². Cinco autores que escrevem semanalmente n'O Globo foram selecionados, compondo um total de trinta crônicas³.

Por tradição, há nessas crônicas sempre seqüências narrativas, embora não exclusivamente. É pelo fato de tratarem de uma temática do cotidiano, envolvendo personagens do domínio público - artistas, cantores, políticos - que as crônicas nos interessam do ponto de vista da referência. Há um certo pressuposto de conhecimento partilhado com os leitores: geralmente o cronista conta com um público fiel.

Nesse ponto, elas diferem das *notícias*. Nesta pesquisa, incluem-se apenas as notícias que fazem parte do noticiário da cidade⁴. Nelas, tal como nas crônicas, também podem ser referidos personagens conhecidos ou famosos, mas não necessariamente. Por outro lado, como seu objetivo principal é informar, e não entreter, não pode haver o mesmo pressuposto sobre o conhecimento prévio do leitor, a mesma “cumplicidade” que há na crônica. Além disso, as notícias costumam envolver mais de um participante, muitas vezes protagonista e antagonista, o que de certo interfere na forma de expressão do referente. São, naturalmente, apresentadas em terceira pessoa, de modo aparentemente objetivo, e nelas predomina também o texto narrativo. Foram examinados 33 exemplares do gênero *notícias*, de extensão variável. Quanto à temática, a metade deles trata de assuntos policiais, aí incluídos crimes, assaltos, seqüestros, tráfico de drogas. A outra metade se divide em serviços (falta de professores, mau atendimento médico, descaso ambiental) e acontecimentos inesperados (incêndios, temporais).

Quanto aos *artigos de opinião*, oferecem maior dificuldade à tentativa de sistematizá-los. Trabalhamos com 28 artigos assinados, na maioria extraídos da página de Opinião dos jornais O GLOBO e JB⁵. Nesse conjunto há completa diversidade de autoria: tanto jornalistas com contribuição sistemática para o jornal⁶ como especialistas de diferentes áreas (antropólogos, filósofos, empresários, juristas, médicos etc.) A questão da autoria não é irrelevante, pois, embora não tenhamos controlado esse aspecto, pudemos observar que os jornalistas de profissão parecem contar com a maior familiaridade de seus leitores (e, nesse ponto, sua postura os aproximaria da dos cronistas) e acabam por apresentar um texto mais informal, menos denso. Os demais articulistas acabam por trazer para o artigo de jornal traços da escrita de sua profissão, seja no vocabulário mais especializado, seja na construção sintática, o que muitas vezes torna o texto mais formal e a leitura mais difícil.

Quanto à temática, a maioria dos artigos de opinião analisados versa sobre política, no âmbito nacional ou internacional, de uma maneira mais direta (política partidária) ou indireta. Como pretendem ser a expressão de um ponto de vista, tendem a centrar-se em idéias, e não em pessoas ou acontecimentos - estes quando muito aparecem como pretexto para a emissão de opiniões. Por esse motivo, apresentam textos

predominantemente argumentativos ou expositivos, raramente narrativos, como veremos a seguir.

Para a língua escrita informal, utilizamos um conjunto de 70 *cartas pessoais* de cariocas escritas no começo dos anos 80, por pessoas com escolaridade mínima de segundo grau. As cartas, trocadas entre parentes e amigos chegados, caracterizam-se por se destinarem a diferentes propósitos, que foram classificados como narração-reflexão, conselho, pedido, contato (cf. PAREDES SILVA, 1988). Assim, esse *gênero*, como as entrevistas, pode abrigar diferentes *tipos de texto*, mas a manutenção de sujeitos de terceira pessoa se dá especialmente em seqüências narrativas, envolvendo personagens do círculo de relações de emissor e destinatário. Pode, assim, o emissor contar com o conhecimento prévio de seu leitor, com maior segurança do que o jornalista em sua crônica, o que facilita a identificação e retomada de referentes.

Com relação à língua falada, as *entrevistas sociolinguísticas* em questão também compreendem seqüências de diferentes *tipos de textos* (narrativos, argumentativos, descritivos) e, embora esse traço não tenha sido controlado como uma variável, o próprio levantamento de dados mostrou que a terceira pessoa predomina em seqüências narrativas. Nelas é que se encontram os usos mais produtivos da 3ª pessoa, no sentido de mais contínuos e mais propícios ao exame da variação, já que na entrevista como um todo predominam sujeitos de 1ª pessoa: a entrevista, tal como a carta pessoal, é um discurso egocêntrico. Ainda em comum com a carta pessoal, há o fato de a entrevista envolver uma variedade de tipos textuais. A propósito, veja-se um exemplo de seqüência narrativa extraída de uma entrevista e em seguida outro, de uma carta pessoal:

- (1) Eu tava com o meu colega e foi a mesma coisa. Uma distração. Aí chegou **um cara**, **Ø**botou a mão no meu ombro e **Ø**disse: “Amigo, me dá essa sacola aí.” Eu cheguei: “Pô, cara, num vai levá nada não”. **Ele**: Me dá logo isso aí, eu num quero saber não”. Será que **ele** tá armado, será que **Ø**num tá? **Ele** queria a sacola, aí nisso eu já mudei minha bolsa de mão, passei pra direita. Aí **o cara**: “Vamos, me dá logo isso aí, eu num quero saber”. Aí eu peguei falei com o meu colega, falei: “Fulano, segura esse embrulho aqui pra mim”. Aí, quando **ele** me viu falando com o cara, **ele** pegou e **Ø**já foi disfarçando. Eu fiquei vendo o que que **ele** ia fazer, **ele** saiu correndo. (Entrevista, Amostra PEUL 00, Gl.)⁷

(2) Eu adoro **a C.** \emptyset É uma pessoa adorável e \emptyset é o tipo certo pra ele. Além de tudo, **ela** foi de uma dedicação impressionante. Nunca \emptyset pensou em si mesma. Sempre \emptyset agüentou as barras dele e \emptyset o apoiou. E \emptyset jamais atrapalhou a disciplina rígida que ele mesmo se impôs, muito pelo contrário, \emptyset dava a maior força. Se ele for bem sucedido, é lógico que em parte ele deve a ela. (Carta pessoal, Fâ 1)

Essas considerações iniciais a respeito dos gêneros analisados e dos temas predominantes servem como pano de fundo para a discussão da continuidade de referência e de sua forma de expressão preferida nesses gêneros.

5. Reflexões para uma comparação

Um traço que logo se destaca da comparação entre os dados de fala e os de escrita é a diminuição no uso de pronomes em retomadas de referentes de 3ª pessoa, na escrita, diminuição essa menos sensível em cartas pessoais, mas muito significativa no caso dos gêneros jornalísticos (cf. tabelas e gráficos a seguir). Em compensação, cresce o uso da variante nome, comparativamente, em todos os gêneros jornalísticos. Os gráficos a seguir evidenciam isso:

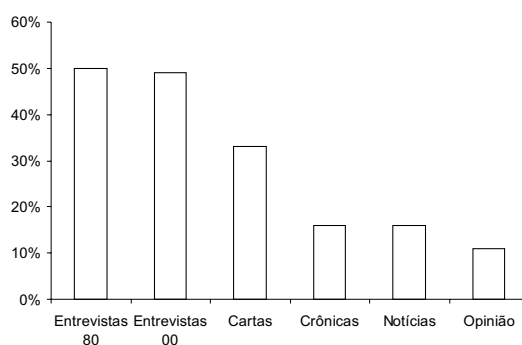


Figura 1 -- Sujeito expresso por Pronome

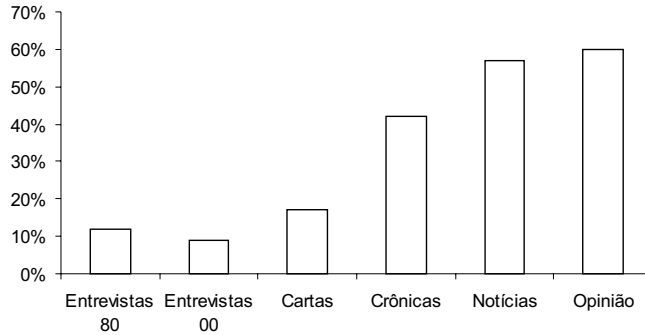


Figura 2 – Sujeito expresso por Sintagma Nominal

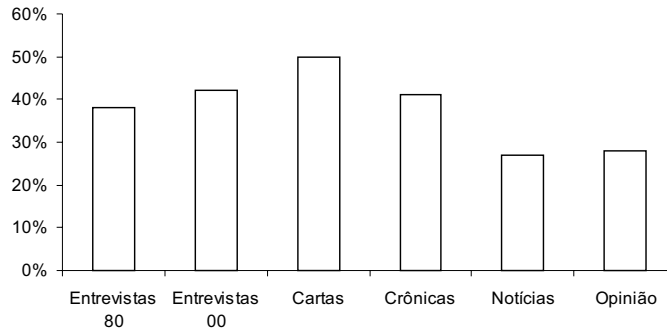


Figura 3 – Sujeito como Anáfora Zero

Vejam os dados mais detalhadamente. A Tabela 1 abaixo exibe a distribuição geral das variantes relativas aos sujeitos de terceira pessoa na língua falada semi-formal, registrada em dois momentos, para um estudo de mudança em tempo real de curta duração, do tipo tendência (cf. LABOV, 1994). Os resultados evidenciam que, quando se trata de língua falada, entre as três alternativas para retomada de um referente, o informante mantém a preferência pelo pronome, sendo a anáfora zero sua segunda opção. Tal tendência não se alterou nos dois momentos de coleta dos dados (década de 80 do século passado e cerca de vinte anos depois). A retomada nominal é percentualmente pouco significativa na fala.

Tabela 1 – Distribuição das três variantes nas duas amostras de fala

Variante	Amostra 80		Amostra 00	
Pronome	752	50%	755	49%
SN	191	12%	137	9%
Zero	574	38%	652	42%
Total	1517	100%	1544	100%

Como já foi dito, as seqüências mais produtivas para a ocorrência contínua da terceira pessoa são as seqüências narrativas. É o que se tem no primeiro exemplo, retomado em parte como (3) abaixo, em que o informante relata uma tentativa de assalto que sofreu. A seqüência em (1) apresenta as três variantes (*o cara, ele, Ø*). Os contextos preferenciais de omissão do sujeito de terceira pessoa são os casos considerados em PAREDES SILVA (1988, 1993, 2003) como de conexão ótima (Grau 1 de conexão), em que se observa uma cadeia tópica, com encadeamento de ações praticadas pelo mesmo referente/tópico/sujeito:

(3)... Ø botou a mão no meu ombro e Ø disse (...)

Em outros momentos da narrativa, embora o referente/tópico/sujeito permaneça o mesmo, há uma mudança de plano, como por exemplo, quando o narrador especula sobre o fato de o desconhecido estar ou não armado, num trecho de discurso indireto livre, e volta ao tempo dos acontecimentos, com a oração em pretérito imperfeito:

(4) Será que **ele** tá armado, será que Ø num tá? **Ele** queria a sacola (...)

Este é um contexto em que a continuidade sofre certa quebra, depois das orações interrogativas (Grau 2 de conexão), comparativamente aos exemplos anteriores.

Quebra maior se dá quando se alternam 1ª e 3ª pessoas como participantes da ação. Nesse caso, a expressão pronominal predomina. (Grau 4 de conexão). Ainda no exemplo (1), abaixo parcialmente retomado em (5), temos a ilustração desse caso. A seqüência era centrada na 3ª pessoa, passa à 1ª e volta à 3ª:

(5) Aí, quando **ele** me viu falando com o cara, **ele** pegou e Ø já foi disfarçando. Eu fiquei vendo o que que **ele** ia fazer, **ele** saiu correndo.

Do total de menções nesse segmento narrativo, apenas uma repete o substantivo *cara*, ou seja, é uma retomada nominal⁸.

Ao compararmos tais resultados com os do gênero de escrita mais informal e considerado mais próximo da oralidade entre os examinados – as cartas pessoais – já vemos uma diminuição no uso do pronome, compensada pelo aumento da anáfora zero. De fato, comparando-se à fala, há quase uma inversão entre as taxas de uso de pronome e de zero. Há também um ligeiro aumento no uso do nome (cf. Tabela 2), embora em níveis considerados pouco significativos.

Tabela 2 – Distribuição das variantes na escrita – cartas pessoais

Variantes	Ocorrências	%
Pronome	230	33%
SN	123	17%
Zero	349	50%
Total	702	

No exemplo (2), retomado em (6) abaixo, que ilustra esse gênero, vemos o predomínio da anáfora zero. Mesmo a interferência de outro participante da 3ª pessoa, de gênero masculino, não é capaz de afetar a continuidade do referente/tópico central, que pode manter-se omitido, sem problemas de compreensão⁹. Note-se que contextos semelhantes na fala acatariam o pronome.

(6) E *Ø*jamais atrapalhou a disciplina rígida que ele mesmo se impôs, muito pelo contrário, *Ø*dava a maior força (...)

Pode-se interpretar o aumento dos percentuais de anáforas zero como uma consequência da possibilidade de maior planejamento e edição do texto escrito, ainda que informal, como no gênero em causa. Não se deve também ignorar que os emissores dessas cartas têm um nível de escolaridade alto, e sendo a escola bastante incisiva na orientação dos alunos para a dispensa de pronomes pessoais, esse fator tem influência¹⁰.

Quando se passa à língua escrita aqui caracterizada como semi-formal, os gêneros jornalísticos, as diferenças são mais marcantes:

Tabela 3– Distribuição das variantes nos gêneros jornalísticos

Variante	Notícias		Crônicas		Artigos	
Pronome	40	16%	66	16%	35	11%
SN	144	57%	174	42%	188	60%
Zero	67	27%	170	41%	88	28%
Total	251		410		311	

Como se vê na Tabela 3, a retomada de um referente passa a ser feita predominantemente pelo nome, nos três gêneros jornalísticos analisados, embora a crônica se distancie um pouco dos demais, no equilíbrio entre a anáfora zero e o SN. Para melhor se entender essas diferenças, faz-se necessário mais uma vez recorrer aos tipos de texto compreendidos nestes gêneros e aos propósitos comunicativos.

Em termos de *tipos textuais*, a continuidade referencial se observa, como já comentamos anteriormente, principalmente em seqüências narrativas. Dos gêneros analisados, crônicas e notícias, ambos, tendem a apresentar tais seqüências. Examinem-se os exemplos abaixo:

(7) Então, uma da matina, **Aldir** se levantou, \emptyset assegurou-se que aquela santa já dormia e \emptyset nos convidou para tomar a saideira num bar em Vila Isabel, coisa muito fina, segundo ele. Hesitamos, pelo adiantado da hora e pelo clima de *apocalypse now* na cidade, mas **Aldir** não convidou, a gente é que obedece. Lá fomos nós, então, atrás do tal bar, cujo nome será devidamente omitido para proteger o inocente. Chegar, óbvio, não foi fácil.

Aldir não se lembrava do caminho. A cada esquina em que seres humanos se reuniam em torno de um churrasquinho de gato, **ele** descia do carro, imponente, alto pra cacete, perguntando o paradeiro da biroscas. (Crônica, O amigo Aldir, Artur Dapieve)

(8) **O soldado da Polícia Militar** C.P.R., 26 anos, lotado no Grupamento Especial Tático-Móvel (Getam), foi baleado, no início da manhã de ontem, por volta das 6h40, na Rua Flack, no Rocha. De folga, **o policial** estava à paisana e \emptyset foi abordado por dois criminosos que ocupavam um Gol branco, de placa não identificada.

De acordo com o delegado G.D., titular da 25^a. DP, os bandidos reconheceram **C.** como policial, deram uma coronhada em **sua** cabeça e

mandaram que **ele** fugisse correndo. Em seguida fizeram os disparos que atingiram **o policial militar** na coxa esquerda. C. foi levado para o Hospital Salgado Filho onde \emptyset foi submetido a cirurgia no fim da manhã. (Notícia, O DIA)

Como já se observou dos exemplos, seqüências narrativas se constroem em torno de personagens que se mantêm no palco central dos acontecimentos por algum tempo. Daí permitirem a continuidade de referência. Além disso, narrativas costumam ter como participantes seres animados, traço semântico fortemente condicionador do uso do pronome em português, tanto na fala como na escrita. Na comparação pela preferência entre nomes e pronomes nos três gêneros jornalísticos, pode-se ver, na tabela 4 abaixo, que a retomada através de nomes tende a ser escolhida quando se trata de inanimados, associando-se o uso do pronome aos animados.

Tabela 4 - Efeito da *animacidade* no uso de nome vs pronome em gêneros jornalísticos¹¹

Animacidade	Crônicas	Notícias	Art. Opinião
Animado	.47	.35	.24
Inanimado	.58	.61	.88

Mas há um diferencial. A notícia visa a informar. É uma instância do tipo de texto narrativo, com verbo no pretérito e os componentes clássicos do *quem, quando, como, onde e porque*. Envolve, em geral, vários personagens, mas não pode haver pressuposição sobre o conhecimento prévio do leitor com relação àqueles personagens, uma vez que a função/propósito desse gênero de discurso é informar. Nesse vaivém de personagens, a retomada através de nomes, sejam eles nomes próprios (prenome, sobrenome, cargo) ou comuns, funcionando como categorizadores (cf. *soldado, policial, policial militar* no ex. 8) é uma constante.

O texto narrativo talvez seja o que já mereceu maior número de estudos e é quase onipresente nos mais variados gêneros. Ocorre na crônica, como na notícia, mas mesmo o artigo de opinião, que tende a ser predominantemente argumentativo, incorpora seqüências narrativas em ilustrações e exemplos - fatos que são arrolados para ilustrar ou ratificar

um argumento, como no parágrafo que se segue, inserido num artigo que discute questões éticas:

- (9) A propósito, **o Papa João Paulo II**, ao abrir na Áustria há cerca de dez anos, um encontro sobre ciência e fé, observou que a toda técnica deve corresponder uma ética, e a toda ciência deve corresponder uma consciência. Com isso, quis dizer **o Pontífice** que todo o avanço no campo das ciências deve ser sempre cercado de cuidados (...) (O GLOBO, Opinião, M. Maciel, *Ciência e consciência*,)

Nesse caso, a retomada do referente, que se dá sem ambigüidade, já que não entra em cena qualquer outro participante humano, ainda assim se expressa por SN, talvez por já haver uma distância (de cinco orações) que favorece essa escolha. Lembremos que o fator *distância* é o que se revela o mais forte condicionador quanto à escolha entre nome e pronome, no texto jornalístico. (cf. PAREDES SILVA, 2005) A propósito, veja-se a tabela abaixo, que compara os resultados de rodadas que contrapõem nome a pronome nos três gêneros jornalísticos investigados, sendo esta a primeira variável selecionada pelo programa VARBRUL para essas rodadas:

Tabela 5 – Efeito da *distância referencial* no uso de nomes vs. pronomes em gêneros jornalísticos

Distância	Crônicas	Notícias	Art.opinião
0 (mesma oração)	.18	.07	.02
Oração anterior	.23	.15	.14
2 orações	.38	.34	.30
3 orações	.59	.45	.38
4 orações	.69	.69	.30
5 orações	.62	.70	.65
6 orações	.74	.82	.40
7 ou + orações	.86	.81	.87

A Tabela 5 evidencia uma hierarquia que é mantida através dos gêneros: tende-se a usar mais a referência nominal à medida que a menção se distancia da precedente¹². Na retomada nominal ainda assim há a opção de substituir o nome por sinônimo ou equivalente (cf. *O Pontífice*, no ex. 9).

Um traço dos artigos de opinião é que tendem a ser desenvolvidos em torno de idéias, temas mais abstratos, expressos através de SNs, mui-

tas vezes complexos (nome mais adjetivo), cuja repetição ao longo do texto se faz não só por uma questão de clareza, mas também para reiterar o tópico discursivo. Dada a extensão e complexidade sintática das orações que dominam os artigos de opinião, a retomada através da repetição não sobrecarrega o texto ou incomoda o leitor como recurso de mau estilo. A propósito, veja-se o exemplo:

- (10) O conjunto de projetos em curso no governo federal, modificando radicalmente as funções, atribuições e autoridade das **agências reguladoras**, na prática, significa a sua extinção. Por falta de informação ou por uma visão equivocada do papel das **agências**, é cada vez mais frequente que um ou outro membro do governo apareça atirando no que viu e acerte no que não viu. Se essa cruzada quixotesca conseguir acabar com as **agências**, perdem todos: o cidadão, o governo e, principalmente, o Rio de Janeiro.

As **agências reguladoras** foram criadas, em primeiro lugar, para garantir que os serviços de infra-estrutura entregues à administração privada sejam executados com qualidade e nas condições estabelecidas nos contratos de gestão firmados com a sociedade. (...)

Em segundo lugar, as **agências** foram idealizadas para harmonizar os interesses do Estado, do cidadão e dos investidores nas concessões de serviços públicos. (...)

Essa parceria, entretanto, colocava um dilema para os Estados: os investimentos em infra-estrutura são, pela sua natureza, vultosos e de retorno lento; exigem captação de mais recursos que os pagos ao longo de quinze ou vinte anos. Nenhum investidor se arriscaria a botar dinheiro em projeto dessa monta sem a garantia de que as regras que regem a atividade seriam estáveis. As **agências reguladoras** foram a solução encontrada para garantir que o arcabouço legal sobre o qual repousam os contratos de concessão fossem estáveis no tempo. (O GLOBO, Opinião, M. Fortes, Moinhos de vento,)

A repetição do SN, no caso em pauta, ajuda a estabelecer e reiterar a relevância do tema do texto, que não aceita substitutos com facilidade. Dessa forma, a continuidade tópica, no sentido mais amplo de tópico (discursivo) é garantida pela repetição do SN e o texto ganha em densidade nominal.

6. Para concluir

As análises mostram que a preferência por nome, pronome ou anáfora zero na “retomada” de um referente não é meramente uma questão de fala vs escrita, mas que o gênero de discurso e o tipo de texto têm peso substancial nessa escolha.

O traço mais marcante, no que diz respeito à modalidade, parece ser a preferência pelo pronome na fala: a permanência de um mesmo referente como tópico permite a sua retomada por pronome, até em orações vizinhas. Porém, a inibe na escrita, mesmo a informal, de cartas pessoais, em que se prefere a anáfora zero. Outro gênero de escrita aparentemente informal - a crônica - revela-se de fato mais elaborado¹³, planejado para parecer não planejado (cf. OCHS, 1979), o que se reflete no aumento da taxa de nomes (que, afinal, podem dar maior colorido ao texto), concorrendo estes com a anáfora zero e deixando o pronome para trás. Nesse sentido, é a escrita jornalística, pelo menos nos gêneros aqui investigados, que se destaca na preferência pela retomada nominal.

A notícia, o único dos gêneros examinados de que a 1ª pessoa está excluída, apresenta freqüentes alternâncias entre referentes de 3ª pessoa e, como deve atender a uma exigência de clareza e informatividade, acaba por concentrar sua escolha no nome, embora não necessariamente repetido, servindo-se da hiperonímia, da sinonímia e obtendo efeitos de recategorização.

Para a escolha entre nomes e pronomes na escrita prevalece a questão da distância da menção, isto é, quanto maior a distância da última menção de um referente, maiores as chances de retomá-lo por nome, e não por pronome. Essa tendência foi sistemática nos gêneros jornalísticos e, sem dúvida, revela uma faceta do planejamento do texto.

Ainda assim, no gênero artigo de opinião, a repetição idêntica do SN (um mesmo item lexical, às vezes com o mesmo, às vezes com outro adjetivo) não é evitada e acaba por ser a garantia da manutenção do tema principal do texto.

No que diz respeito às variáveis que promovem a escolha de anáfora zero, pronome ou SN na fala e na escrita, não encontramos diferenças significativas. Mais uma vez se confirmou que a anáfora zero é preferida quando há mais estreita conexão discursiva, podendo-se aplicar aos dados da escrita jornalística a mesma escala já aplicada em outros trabalhos.

Outras variáveis que se mostraram relevantes para a oposição entre presença de sujeito (nominal ou pronominal) e ausência (anáfora zero) foram a ambigüidade e o traço animado do referente.

Do exposto, fica evidente a complexidade envolvida numa comparação entre fala e escrita e a necessidade de incorporarmos a distinção dos gêneros e tipos de texto a qualquer estudo comparativo.

Notas

- ¹ Para mais detalhes sobre esta amostra e outros trabalhos nesta perspectiva cf. PAIVA E DUARTE, 2003
- ² Não está aqui incluída a crônica esportiva, a crônica policial ou qualquer outra modalidade.
- ³ São eles: Artur Xexéo, Artur Dapieve, Cora Ronai, Joaquim Ferreira dos Santos e Zuenir Ventura.
- ⁴ Com isso evitamos as traduções do noticiário internacional e o excesso de comentários/opiniões do noticiário nacional, de natureza mais política.
- ⁵ Apenas esses dois jornais dentre os pesquisados apresentam artigos de opinião no mesmo padrão. Há outros, entretanto, que chamam de “opinião” a textos sobre futebol, por exemplo.
- ⁶ Elio Gaspari, Villas Boas Correa, Dora Kramer, Merval Pereira, por exemplo
- ⁷ Nos exemplos, aparecem em negrito a primeira menção e as subseqüentes de uma mesma entidade. Não estão assinaladas as referências ao mesmo ser através de pronomes de primeira pessoa, nas seqüências de discurso direto.
- ⁸ Nesse caso, a retomada nominal sequer foi computada, pois houve elipse do verbo dicendi.
- ⁹ Há que se considerar também a variável tipo sintático da oração: o fato de o interferente ocorrer numa oração subordinada diminui seu peso.
- ¹⁰ A influência da escola também se fez presente na amostra de fala (cf. PAREDES SILVA, 2008).
- ¹¹ No que diz respeito à fala, nossa análise multifatorial de entrevistas mostrou que na aplicação pronome vs. zero, o traço de animacidade foi o terceiro selecionado para a Amostra 80 e o segundo na Amostra 00, com pesos relativos bastante polarizados: .53 e .58 para animados e .28 e .15 para inanimados, respectivamente.
- ¹² Nos *artigos de opinião*, a gradação é perturbada pela elevação aparentemente inesperada do peso relativo na categoria *5 orações*. Esse resultado, no entanto, está rigorosamente refletindo a hierarquia de freqüências. Talvez o motivo do aumento esteja correlacionado a um número menor de ocorrências nesta categoria.
- ¹³ Não esqueçamos de que se trata de um gênero literário.

Referential continuity: Nouns, pronouns and zero anaphora in spoken and written genres

Abstract – This article examines and compares referential continuity in discourse, in subject position, be it expressed by noun, pronoun or zero anaphora, in different discourse genres of spoken and written language. The results of variationist analysis based on different *corpora* (sociolinguistic interviews, personal letters, different newspaper genres) are discussed . Such results provide additional evidence to the exigency of dealing with the relationship between spoken and written language through the concept of genre and text types.

Key words – Referential continuity. Spoken language. Written language. Discourse genres.

Referências bibliográficas

ADAM, J.M. *Les texts: types et prototypes*. Paris: Nathan, 2001.

BAKHTIN, M.M. *Speech genres and other late essays*. Austin: University of Texas Press, 1986.

BERNSTEIN, B. *Class, codes and control*. London: Routledge & Kegan Paul Ltd., 1971.

BIBER, D. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

CAVALCANTE, M.M. As nomeações em diferentes gêneros textuais. *Cadernos de Estudos Lingüísticos (41)* Campinas, Jul/Dez . 2001, p. 127-140.

CHAFE, W. Integration and involvement in speaking, writing and oral literature. In: TANNEN, D. (ed.). *Spoken and written language*. Norwood: N.J.Ablex, 1982 p. 35-53.

_____. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D.R.; TORRANCE, N.; HUDYARD, A. (eds.) *Literacy, language and learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 105-122.

CUNHA, C. *Gramática do Português Contemporâneo*. B. Horizonte, Bernardo Álvares, 1970.

KOCH, I.V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo, Contexto, 1997.

KOCH, I.V. A referenciação textual como estratégia cognitivo-interacional. In: BARROS, K.S.M. *Produção textual: Interação, processamento, variação*. Natal: EDUFRN, 1999, p. 69-80.

_____. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas: UNICAMP, n. 41, jul-dez 2001, p. 75-89.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, I.V.; MARCUSCHI, L.A. Processos de referenciação na produção discursiva. *DELTA*, v.14, n.especial, p. 169-190, 1998.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: Internal factors*. Cambridge/Oxford: Blackwell, 1994.

MARCUSCHI, L.A. Da fala para a escrita. Atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001a.

_____. Anáfora indireta: O barco textual e suas âncoras. CONGRESSO DO CELSUL. 4. *Anais...* Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2000.

_____. Gêneros textuais: Definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A.,; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

OCHS, E. Planned and unplanned discourse. In: GIVON, T. (ed.) *Syntax and semantics*. v.12: Discourse and syntax. New York: Academic Press, 1979, p. 51-80.

OLIVEIRA, A B. *A referência estendida em textos jornalísticos de natureza argumentativa*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2005.

PAIVA, M.C.; DUARTE, M.E.L. (orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contra-capas, 2003.

PAREDES SILVA, V.L. *Cartas cariocas: Avariação do sujeito na escrita informal*. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 1988.

_____. Subject omission and functional compensation: evidence from written Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, v.5, n.1, Cambridge University Press, 1993, p.35-49.

_____. Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal. In: PAIVA, M.C.; DUARTE, M.E.L. (orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contracapa, 2003, p. 97-114.

_____. *Referencia(cão), repetição e gêneros jornalísticos*. CONGRESSO DA ASSEL, 13. Niteroi: UFF, out. 2005. (Participação em mesa-redonda).

_____. Quando escrita e fala se aproximam: Uso do pronome de terceira pessoa em cartas pessoais. In: MACEDO, A.; RONCARATI, C.; MOLLIÇA, M.C. *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p.63-74.

_____. Forma e função nos gêneros de discurso. *Revista ALFA*, v.41, n. especial, p. 79-98, 1997.

_____. Subject omission and functional compensation: evidence from written Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, v.5, n.1, 1993, Cambridge University Press, p.35-49.

_____. *É isso aí. Verbo ser e demonstrativos como elementos coesivos em português*. ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 10. PUC, Rio de Janeiro, 1985. (Comunicação apresentada; mimeo).

_____. Ainda sobre sujeitos pronominais e flexão verbal: Revisitando Naro. In: Anthony Julius Naro e a lingüística no Brasil - Uma homenagem acadêmica por sua contribuição relevante ao estudo do Português. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

SWALES, J.M. *Genre analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TANNEN, D. *Spoken and written language. Exploring orality and literacy*. New Jersey: Ablex, 1982.

_____. Relative focus on involvement in oral and written discourse. In: OLSON, D.; TORRANCE, N.; HUDYARD, A. (eds.) *Literacy, language and learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 124-147.

ZAMPONI, G. *Processos de referenciação: anáforas associativas e nominalizações*. Tese (Doutorado). Unicamp, 2003.

Recebido e aprovado para publicação em maio 2007